

# **“AS FACES DO TRABALHO PRECÁRIO EM ARACAJU/SE: REFLEXÕES ACERCA DA DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO NA INFORMALIDADE”**

Resultado de investigação finalizada.

GT. 18 - REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA, TRABALHO E DOMINAÇÃO SOCIAL.

Sharlene Souza Prata

## **Resumo**

Observa-se nos últimos anos, como resultado do processo de reestruturação produtiva, um avanço da presença da mão-de-obra feminina no mercado de trabalho. Entretanto as pesquisas acerca dessa temática não costumam questionar as condições de inserção dessa mulher no mundo do trabalho tão pouco as implicações desta realidade tanto para o trabalho produtivo como para o reprodutivo. Do mesmo modo, as assimetrias e hierarquizações entre o trabalho de homens e mulheres não são compreendidas em seus aspectos mais amplos. Em razão disso, o presente estudo apoia-se na percepção de gênero com o intuito de identificar os impactos diferenciados desse processo e de como este irá se refletir numa “nova” dinâmica da divisão sexual do trabalho. Para tanto teremos como lócus de análise empírica uma conhecida Feira situada na cidade de Aracaju/SE, a chamada “Feira das Trocas”. Nesta Feira foram realizadas quinze entrevistas semiestruturadas ou não-diretivas com o intuito de dar voz a cotidianidade desses comerciantes.

**Palavras-Chave:** Trabalho, Gênero e Divisão sexual do Trabalho.

## **I- INTRODUÇÃO:**

Nas últimas décadas as relações de trabalho atravessaram uma série de mudanças na tentativa de superar os problemas gerados pela crise sofrida pela economia capitalista na década de 70. O conjunto dessas transformações recebeu o nome de “Processo de Reestruturação Produtiva” e está associada às alterações nas organizações produtivas e flexibilização/precarização nas condições de trabalho.

Precipuamente, salienta-se que o termo “Precarização do Trabalho” é utilizado pelos sociólogos do trabalho para caracterizar as relações de trabalho atuais que estão alicerçadas em atividades instáveis e inconsistentes, com base em trabalhos de tempo parcial, em subcontratações, terceirizações, empregos temporários e informais. Concomitantemente a esse processo, estudiosos do Trabalho vêm sinalizando também para o fenômeno da feminização do mundo do trabalho em escala global. No entanto, apesar deste quadro ser visto inicialmente com certa euforia, questionamos na presente pesquisa as condições em que se deram essa inserção massiva da mulher?(CAPELLIN, 2009; ANTUNES, 2001).

Neste sentido, a literatura do Trabalho vem apontando nos últimos anos para um avanço do número de mulheres justamente nas atividades consideradas precarizadas. Isso ocorre porque as mulheres buscam nessas atividades uma forma de conciliar as tarefas domésticas, que lhes são incumbidas socialmente com exclusividade. Assim, as mulheres afetadas por essa realidade sofrem mais com a ausência de direitos sociais e trabalhistas. (HIRATA, 1998)

Mediante ao contexto exposto, buscou-se entender nesta pesquisa os impactos desse processo de mudanças conhecido como reestruturação produtiva, para a divisão sexual do trabalho,

visualizando de forma mais específica, de que forma o trabalho precário informal incide sobre a mão de obra feminina. Do mesmo modo questionou-se também nesta pesquisa, se essas trabalhadoras ao adentrar na informalidade continuaram desempenhando o mesmo modelo de Divisão Sexual do Trabalho, em que as atividades destinadas a elas são aquelas tidas como femininas, ou seja, extensão das atividades domésticas, o que por sua vez tem menor valor atribuído.

Com efeito, o campo empírico da pesquisa abrange a Feira das Trocas que está situada no município mais populoso de Sergipe – a capital Aracaju– com 571.149 habitantes. Segundo Censo Demográfico (IBGE<sup>1</sup>, 2010). Esta conhecida Feira existe há mais de 35 anos e sempre esteve associada à ilicitude, haja vista a ausência de regularização/fiscalização e a consequente comercialização de produtos contrabandeados, frutos de pirataria ou até mesmo furtados. Em razão desse quadro de ilicitude, a referida Feira sempre tentou driblar o poder público para não ser extinta, mudando-se sempre de local a cada tentativa do Estado de tentar eliminá-la, se fixando sempre em diversas regiões periféricas da capital sergipana.

A escolha dessa Feira enquanto lócus de coleta empírica deve-se também ao fato de que, apesar de historicamente ela ter sido formada majoritariamente por homens, nos últimos anos ela se transformou e ampliou-se com a chegada e instalação de novos trabalhadores e, principalmente, trabalhadoras informais na localidade. A princípio fica nítido que o crescimento deste tipo de atividade precária estabelece uma estreita relação com o crescimento da informalidade no país e na região, como também com o processo feminização e consequente precarização desta mão-de-obra.

Além disso, considera-se também que o poder público colaborou com este desenvolvimento, tendo em vista que por volta de nove anos atrás, o governo havia concedido em caráter provisório um terreno baldio situado na periferia de Aracaju para que esta pudesse funcionar. Assim, em meio a um contexto de desemprego, as pessoas enxergavam na Feira das Trocas uma alternativa de sobrevivência. Entretanto, essa situação só perdurou até o ano passado, pois uma ação conjunta entre Ministério Público, Polícia e Secretaria da Fazenda retirou os feirantes dessa localidade e jogaram-nos a própria sorte. Novamente, a Feira das Trocas irá resistir e ocupar outras localidades para garantir seu funcionamento.

No tocante aos procedimentos metodológicos, foram realizadas (15) entrevistas semiestruturadas ou não-diretivas com os feirantes da Feira das Trocas, dentre estes, (8) mulheres e (7) homens. A pesquisa de base qualitativa colaborou para revelar as experiências vividas por esses comerciantes e suas percepções acerca das assimetrias de gênero presentes no mundo do trabalho.

Portanto, para compreender a desigualdade existente entre homens e mulheres na esfera do Trabalho e fugir de uma naturalização deste, que destina as mulheres para as funções com menor valor adicionado é que utilizaremos a categoria “Divisão sexual do Trabalho” para refletir a realidade empírica em questão. Tal categoria torna-se imprescindível para realização de todo e qualquer estudo que abrange o mundo do trabalho, visto que, esta surge para questionar conceitos sociológicos, pretensamente neutros, mas que possam recair em percepções estereotipadas e biologicizantes (LOBO, 1991).

Salienta-se que o intuito analítico centrado na Divisão Sexual do Trabalho não se constitui na realização de uma mera descrição sobre as diferenças existentes entre homens e mulheres na sociedade contemporânea, isso seria insistir numa situação pleonástica. É muito mais que isso. É tentar entender como historicamente as especificidades de gênero se forjou e fundamentou uma desigualdade que é utilizada pela sociedade capitalista em forma de “sexualização das ocupações”<sup>2</sup>, para baratear os custos com mão de obra da classe trabalhadora. (NOGUEIRA, 2006)

---

<sup>1</sup> INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA–IBGE.. **Censo Demográfico 2010**. (2010b) Disponível em: <[www.ibge.gov.br/estadista/perfil.php?sigla=se](http://www.ibge.gov.br/estadista/perfil.php?sigla=se)> Acesso em 10 fev 2013.

<sup>2</sup> Expressão retirada de: BRUSCHINI, M. C. Aranha. Sexualização das ocupações: O caso brasileiro. IN: Cadernos de pesquisa, nº 28. Fundação Carlos Chagas: 1978.

Segundo Hirata e Kergoat (2007) a Divisão sexual do Trabalho pode ser entendida a partir de dois princípios: o princípio da separação que distingue o que seria trabalhos de homens e trabalho de mulheres, e o princípio hierárquico que define que o trabalho de um homem tem mais valor que o trabalho de uma mulher. Logo, essa categoria nos dá subsídios para compreendermos não só a exclusão feminina do trabalho produtivo durante muitos anos, como também o recente processo de feminização do trabalho precarizado.

No presente artigo, iremos nos ater especificamente às condições de trabalho desses comerciantes na referida Feira, analisando as particularidades de gênero conforme o olhar dos próprios feirantes. Para tanto, não é demais reforçar a compreensão de que a divisão sexual do trabalho requer a utilização de outras dimensões explicativas como, por exemplo, “a atribuição diferenciada das tarefas domésticas, ou mais, as relações de poder entre os sexos não só no trabalho, como também na família e na sociedade” (HIRATA, 1998, p. 15).

## II- RESULTADOS:

O enfoque dado nas entrevistadas que foram realizadas com os trabalhadores em questão, buscou apreender e analisar a experiência desses trabalhadores (as) na Feira das Trocas questionando suas motivações para adentrarem na informalidade, o que esses feirantes comercializavam, sua jornada de trabalho, remuneração, se já ocorreu de ficarem doentes por causa do trabalho, se tiravam férias por conta própria, enfim, diversas variáveis que contribuem para caracterização as condições de trabalho na informalidade.

De antemão, antecipa-se que as considerações que iremos explanar desta pesquisa darão ênfase principalmente às trabalhadoras, ressaltando em determinados aspectos as informações dos homens entrevistados e o que era comum ao conjunto dos trabalhadores. Em suma, apresentaremos alguns resultados referentes à realidade em geral desses comerciantes, mas principalmente as condições desiguais, segundo o sexo, dentro da mesma Informalidade.

Neste sentido, quando esses comerciantes foram interrogados sobre as motivações que os levaram a irem trabalhar na Feira das Trocas, tinha-se como objetivo analisar os fatores que contribuíram para que um trabalhador se submetesse a condições laborais tão precárias: se era apenas pela dimensão econômica, o desemprego ou por que assumiram o discurso mais voltado para concepção empreendedorística. Ao passo que obtivemos diversas respostas, também se constatou certa regularidade em alguns aspectos. Predominam nas declarações dos entrevistados, a justificativa do desemprego e da falta de perspectiva profissional. Além do mais, os relatos trazem outros elementos para se pensar a realidade da população pesquisada em questão.

Falta de emprego mesmo, opção. Já ficando velho e a firma não querendo mais aceitar, aí vim procurar o trabalho informal. (José Nery, 59 anos, comerciante).

Pra ganhar meu dinheiro né? Vender minhas coisas, ter meu dinheiro. É é é pra sobreviver, que nêgo só ganha mesmo é pra sobreviver. (Joselita, 46 anos, comerciante).

A partir dos depoimentos expostos sugere-se que o desemprego masculino, contribui ou em certa medida é o fator motivacional da inserção feminina no trabalho na esfera pública. Não obstante, a desocupação do marido ou companheiro dessas feirantes tem repercussões diretas na renda familiar. Isso não quer dizer que as mulheres aderem a informalidade tão só com esse pretexto, mas que o trabalho fora de casa não se impõe enquanto um princípio na vida da mulher, haja vista toda cobrança social para que ela permaneça no lar, em razão da família etc. Assim o trabalho na história da mulher

não acontece somente de um querer subjetivo, mas sim a partir de uma necessidade objetiva de sobrevivência e garantia da reprodução da família.

Adianta-se que os relatos não tiveram grandes alternâncias quanto a este quesito. Porquanto, em conformidade com o que foi apresentado, Pacífico (1986) nos mostra que é necessário entender as ações das mulheres, suas motivações a partir do seu cotidiano familiar. Comumente, as mulheres optam por trabalhar fora de seus lares por necessidade econômica. O Trabalho aí não aparece como um objeto de suas vontades e sim como algo imperativo devido à necessidade de criar os filhos e etc. Mesmo quando elas relatam que foram atraídas pelo ideal sedutor de fugir do controle patronal e “ser patrão de você mesma”, este acaba sendo apenas um reflexo do motivo concreto de se apostar numa informalidade tão precária.

Assim porque, pra trabalhar pros outros, ou você ganha ou a mesma coisa daqui ou menos do que aqui, e assim, a cobrança é maior neh? E lá você tem que cumprir horário (de 8h até 7h ou de 8h às 8h né?) e aqui não, eu chego 5h da manhã e 2h (14h) eu vou embora. E abro no dia que eu quero, se eu não quiser abrir hoje,... *tenho mais tempo pra ficar com meus filhos, que eu tenho filho gêmeos.* (Valéria, comerciante, 37 anos).

Além disso, são as mulheres que frequentemente abdicam do sucesso profissional da busca de qualificação para o trabalho, para não fugirem “ao seu destino natural” que é o de ser esposa, mãe e dona de casa. Assim, restam poucas opções no mercado de trabalho aquelas mulheres que não “abandonaram seu destino”, sendo que das poucas opções existentes, presencia-se que estão normalmente associadas aos trabalhos com salários menores, a não garantia de direitos sociais dentre outros.

Os homens por sua vez não veem sua vida fora do trabalho. É claro que as condições econômicas também estão atreladas a sua escolha, no entanto, é algo meio que natural ele ter que trabalhar. Isso quer dizer que para além das necessidades econômicas os homens buscam no trabalho satisfazer anseios individuais. Quando isso não ocorre, a informalidade nestes casos aparece como alternativa rápida ao desemprego ou inatividade, algo impossível de pensar para estes homens que aprenderam que seu papel social é o de provedor.

Ademais, cabe ainda ressaltar que a crescente inserção feminina no mundo do trabalho não representou o advento de uma nova divisão sexual do trabalho. Quando as mulheres adentram a informalidade, elas o fazem assumindo funções semelhantes às que realizam em seus lares. Assim, quando os comerciantes da Feira das Trocas foram interrogados sobre os produtos que comercializavam, obtivemos as seguintes respostas: dois homens responderam que vendiam peças para eletrônicos e computadores e (1) trabalhava com vendas de ferragens de modo geral, (1) trabalha com a compra e venda de ciclomotores, (1) vende e conserta de relógios; (1) vende utilidades de modo geral e (1) vendia laranjas. Contudo, o que se pretende tornar visível neste tópico é a participação da mulher na Feira. Conforme amostra da pesquisa de campo, (7) mulheres informaram que trabalhavam no ramo da alimentação e (1) apenas com bebidas. Isso significa que toda a amostra de mulheres entrevistadas está envolvida com atividades tidas como “femininas”, aquelas diretamente associada à esfera reprodutiva, que abrange o fazer alimentício e ato de servir.

Outrossim, no que tange à remuneração desses trabalhadores identificou-se que: (4) trabalhadores que foram entrevistados nos informaram que percebiam em média uma renda em torno de dois a três salários mínimos. Outro trabalhador relatou receber cerca de um salário mínimo e os outros dois, abaixo dessa renda mínima.

No caso das mulheres um aspecto sobressaiu-se entre outros: metade das mulheres que foram entrevistadas afirmou que não conseguiam contabilizar a renda que recebiam, pois à medida que

auferiam seus lucros iam gastando de imediato e que por isso não possuíam uma média. Disseram também ter ciência que não deveria ser muito, dada às condições de pobreza em que se encontravam. Concernente às demais trabalhadoras entrevistadas: duas delas apresentaram renda superior a um salário mínimo, outra conseguia uma renda um pouco inferior a um salário mínimo e a última afirmou receber apenas 1/3 de salário.

Compreende-se a partir daí, que em média, os homens percebem rendas superiores à renda das mulheres. Deduz-se que o fato das mulheres exercerem atividades consideradas como extensão das atividades domésticas, ou seja, àquelas que são semelhantes às tarefas do lar contribui para rebaixar seus rendimentos, haja vista que essas qualificações tácitas apesar de serem amplamente utilizadas no mercado de trabalho, não são enxergadas enquanto frutos de um esforço, de uma formação, mas como algo que é “natural” da mulher, por isso elas desempenham essas funções gratuitamente no espaço doméstico, e ao sair dele, percebe rendas inferiores.

Outra questão que se coloca em grande evidência neste estudo diz respeito à quantidade de horas que esses comerciantes trabalham. Todos os trabalhadores homens tinham uma jornada de trabalho que oscilava entre 8 e 12h. Apenas um desses comerciantes não possuía uma carga horária semelhante porque ele fazia uso da Feira para negócios escusos. No que diz respeito às mulheres, (3) entrevistadas afirmaram que trabalhavam em média 12 horas por dia. Outras (3) trabalhadoras tinham uma carga horária de trabalho que arfava entre 6 e 9h. Ainda houve duas comerciantes que disseram ter uma jornada diária de trabalho de aproximadamente 6h. Apesar de não haver ocorrências de mulheres que disseram trabalhar todos os dias, elas relataram que trabalhavam de segunda a sábado, exceto uma feirante que trabalhava 4 dias com jornada de 12h.

Neste caso, é importante analisar a situação das mulheres de forma específica para que haja maior apreensão dessa realidade. Todas as mulheres que foram entrevistadas, e que relataram uma quantidade de horas um pouco inferior (6-9h) a dos homens, mas também extensa, costumam chegar à Feira das Trocas muito cedo. Ainda que o objetivo dessas mulheres seja comercial, pois elas vendiam café da manhã aos trabalhadores que estavam chegando à Feira, elas almejam, acima de tudo, chegar a seus lares ainda no turno da tarde, que é o que ocorre para a maioria delas, para poderem prosseguir com o outro trabalho que deixou quando saíram para feira, que são os afazeres domésticos e o cuidado com os filhos.

A digressão analítica que se faz neste estudo é que embora o tempo de trabalho das mulheres seja um pouco menor na Feira das Trocas, a rotina de trabalho dessas mulheres era muitas vezes mais cansativa que a dos homens. Para que este diagnóstico ficasse mais nítido, pedimos para que os entrevistados descrevessem um dia de trabalho estipulando o tempo gasto com as atividades. É notório que os homens entrevistados não despendiam tempo com atividades domésticas, a não ser que se tratasse de algo muito esporádico, casual. No caso das mulheres, após chegarem em seus lares elas ainda trabalhavam em torno de 4-6 horas por dia com afazeres domésticos, mesmo para aquelas que trabalhavam 12h na Feira. O depoimento de Joselita (46 anos) pincela um pouco desse cotidiano.

Eu acordava umas 05h30minh aí fazia o café né. (Na feira) aí o almoço 11:30h tinha de tá pronto, que eles comem cedo que 11:30h...de almoço, 11:30 meu almoço tava pronto, café...eu fazia lá mesmo, 11:30h já tava pronto. De noite eu fazia cachorro-quente, lanches, de noite eu ia pra casa de tardezinha, ia assim a tarde, mas o café de manhã tinha de tá cedo que tem nego que 6:30h já quer tomar café (...)

Quando chegava em casa a Sra. ainda trabalhava?

Fazia, lavar prato, café, barrer a casa. Parava umas 9:30 pra 10h (22h). É a hora que vai parar, e se continuar ainda arranja né?

Ficou claro a partir das informações citadas que qualquer entendimento que vincule a permanência desses trabalhadores na Feira a um “empreendedorismo” ou a ideia de ser “patrão de você mesmo” não passa de um mito. Porquanto, o que se verificou aqui é a existência de muitos comerciantes que vão a Feira de domingo a domingo, executarem uma atividade numa jornada de trabalho exaustíssima uma vez que os níveis de rendimento são muito baixos. Por isso, a permanência deles na feira a maior parte do tempo de suas vidas é a tentativa de assegurar uma renda mínima para sobrevivência. A margem de escolha desse público é muito pequena quando o assunto é jornada de trabalho, isto é: Ou você escolhe trabalhar exaustivamente de domingo a domingo para obter uma remuneração um pouco melhor, ou você trabalha menos e vive abaixo da linha da pobreza como é o caso de muitos homens e mulheres que ali se encontram.

Todo dia. Eu chego de manhã e só saio à noite da Feira. Das 7 às 7h, não tem esse negócio comigo de horário não. Era todo dia, eu chegava cedo lá e só saía tarde (...) não tem feriado, não tem domingo, não tem nada não. Eu tava lá todo dia, eu tava na Feira das Trocas. (Gilson Omena, 42 anos, Comerciante autônomo).

Entretanto, mesmo com a carga horária de trabalho altíssima, os trabalhadores e trabalhadoras não costumavam reclamar diante de tal situação. Eles pareciam estar acostumados com esse estilo de vida. Talvez o histórico de trabalho explique a posição desses feirantes, tendo em vista o relato da maioria dos entrevistados afirmando que começaram a trabalhar ainda na infância/adolescência sendo-lhes negado dessa forma o acesso à educação e ao lazer. De certo modo, essas pessoas não conheceram uma vida para além do trabalho precário ou do subemprego. O depoimento da feirante Joselita (46 anos) exemplifica essa cena:

Trabalhava, tava acostumada, porque tem gente que trabalha e nunca cansa, eu canso agora sem fazer nada.

Por outro lado, buscou-se perceber outras dimensões deste tipo de trabalho, por meio dos entrevistados, para que não ficasse tão ancorado ao olhar do pesquisador. Para tanto, solicitou-se da amostra populacional da pesquisa que descrevesse os principais problemas encontrados no dia a dia da profissão. Uns dos principais entraves abordados pelos feirantes foram as constantes “batidas” policiais, pois isso tinha implicações no fluxo da feira e conseqüentemente havia uma queda nas vendas, isso sem contar com aqueles casos em que a mercadoria sem nota era apreendida. É verdade que os homens padeciam mais com a apreensão de mercadorias, tendo em vista que eles estavam mais envolvidos com negócios ilícitos, porém há que se reconhecer também que uma batida policial repercutia para todos comerciantes, uma vez que afugentava toda a clientela.

Igualmente, é importante considerar outras queixas apontadas especificamente pelas mulheres que trabalhavam na Feira. As declarações de algumas delas revelaram alguns constrangimentos sofridos por elas, no qual, dificilmente um homem passaria por tal situação. Esses relatos tratavam da dificuldade que muitas atravessavam em fazer com que os clientes homens a respeitassem e pagassem o preço exigido por elas após a comercialização de um produto. De acordo com as trabalhadoras, isso ocorria porque muitos desses clientes faziam uso de bebidas alcoólicas, também porque consideravam que ali na Feira das Trocas todos os produtos deveriam estar abaixo do preço de mercado, e não era o que ocorria nos restaurantes/bares, ou porque eles eram homens e

consideravam que as mulheres eram mais “frágeis” e não conseguiriam peita-los. Em certos casos, havia até desrespeito com as feirantes, pois associavam aquelas mulheres às “profissionais do sexo”.

Eu, aqui no meu restaurante, não sei as outras pessoas, acha porque é feira das trocas as coisas tem que ser baratas, acha que é porque é feira das trocas as coisas é roubadas. Tá entendendo como é que é? Acha que tá se prostituindo, eu não sei, eles não vê a gente como pessoas honestas. Por mais que você tente ser, ou que você seja honesta, eles não valorizam. Já é generalizado, que todo mundo aqui compra roubo, que todo mundo aqui vende roubo, entendeu? (Valéria)

Não se pode deixar de retratar também, em que condições estruturais esses comerciantes estavam trabalhando nestes últimos 10 anos, já que foi o período em que eles ficaram em um local fixo por mais tempo, uma vez que, esse aspecto incidia diretamente na vida deles. De tal modo, convém lembrar que a Feira alvo dessa pesquisa estabeleceu-se em local que foi cedido pelo poder público. Logo, os trabalhadores que lá estavam não tinham autorização de realizar nenhum tipo de construção no local, tendo em vista que pertencia ao Estado, e só este através dos seus órgãos competentes poderia edificar algo. No entanto, seria humanamente impossível fazer com que esses comerciantes permanecessem no mesmo local por muito tempo, embaixo de sol e chuva, utilizando apenas o terreno como foi entregue. Como já sabemos, aquela Feira ganhou uma proporção muito maior que a inicial, daí os feirantes foram realizando melhorias na localidade.

Dessa forma, a infraestrutura da Feira das Trocas nos últimos tempos cresceu de forma desordenada: quem tinha dinheiro construía uma pequena calçada em frente à sua lojinha, quem não tinha permanecia sem ela, formando enormes poças de lama quando chovia. Ainda quando ocorria dos comerciantes fazerem o calçamento, não havia um padrão para isso, contribuindo para deixar a calçada não plana e mais propícia a acidentes. Isso sem falar nas pessoas que possuíam apenas barraquinhas e ficavam mais sujeitas a chuva e a lama. Todos aqueles feirantes faziam uso de um único banheiro, que fora improvisado. Em outras palavras, a Feira das Trocas tornou-se um ambiente altamente insalubre, muito propício ao contágio de doenças.

A despeito de toda a falta de infraestrutura existente na feira, percebeu-se que uma parcela significativa dos entrevistados sentia-se desconfortável para afirmar que já ficaram doentes por causa da feira. Quatro entrevistados informaram nunca ter ficado doentes em razão do local que trabalhavam. Sete comerciantes admitiram ter problemas de saúde, mas não associaram diretamente a feira: falaram que poderia ser hereditariedade, contrariedade familiar entre outros fatores. Dentre as doenças citadas, ouvimos-os declararem sobre: Hipertensão, dores na coluna e braços após carregarem muito peso, depressão profunda etc. Somente quatro pessoas admitiram de forma espontânea ter ficado doentes por causa da feira, e à medida que faziam isso já correlacionaram com os possíveis fatores, como por exemplo, os casos de “Dengues” ocasionados por causa da água acumulada no local. Nenhum deles indicou a ocorrência de acidentes na localidade, mas observemos o relato da feirante abaixo:

Como ali a gente trabalhava com a barraca, o nosso lugar era encimentado porque a minha vó mandou encimentar, mas tem muita gente que trabalhava no meio da lama e tudo, a gente não. A gente podia ficar mais resfriado porque ali não tinha cobertura, então querendo ou não molhava, daqui a pouco você se seca, depois vem a chuva de novo, molha, e você tem que tá ali perseverando porque senão, não sai o dinheiro, então gripada, como eu tô gripada. Gripada a gente sempre ficava, mas agora assim, acidente de se machucar e tudo não teve, mas tomar topada no meio de pedra, que era calçado, mas não era totalmente

calçado que a prefeitura não calçou. Era os próprios feirantes que calçavam, então cada um calçava de um jeito, um calçava alto outro calçava mais baixo, então tinha essa elevação. Então as vezes a gente andava e no meio da correria tomava uma topada, mas de acidente mesmo não. (Lívia, 20 anos)

Além desses problemas elencados pelos trabalhadores da feira, identificamos por meio da observação direta, uma série de outras dificuldades enfrentadas por esses feirantes no dia-a-dia de suas atividades laborais. Talvez boa parte dessas adversidades fugissem aos olhos deles próprios já que muitos não tiveram experiências com direitos trabalhistas. Todavia, durante o período em que a Feira fora observada, foram constatados diversos problemas de ordem estrutural, devido também a realização de construções de forma ilegal, sem nenhuma norma de segurança. Assim, verificou-se que muitas instalações de rede elétrica na Feira das Trocas foram realizadas de qualquer forma, as chamadas “Gambiarras”. Do mesmo modo, os botijões de gás presentes em muitas lanchonetes também estavam dispostos sem manter a devida distancia de locais aquecidos. Churrasqueiras também eram expostas em meio aos feirantes, podendo ocorrer riscos de queimaduras e fazendo com que as pessoas inalassem a fumaça de forma constante. Não havia regularidade no calçamento. Os comerciantes conviviam cotidianamente num ambiente mal iluminado, com forte barulho que vinha da Av. Tancredo Neves, sujeitos a mudança de temperatura, a poeira que muitas vezes ficava suspensa no ar. Isso tudo, provavelmente, trazia danos a saúde física e mental dos trabalhadores.

Embora se propague uma ideia que o trabalhador informal teria mais autonomia para decidir quando fecharia seu negócio, as entrevistas revelaram que 14 dos 15 entrevistados não tinham férias. Uma grande parcela deles afiançou que o tempo mais elevado em que poderia afastar-se de suas vendas era quando existia um feriado prolongado. A única pessoa que relatou tirar férias foi a comerciante Valéria e ela também nos confirmou que gozava de um afastamento de no máximo 15 dias, nunca havia ficado um mês afastada de seu negócio. A possível elucidação para tal episódio consiste na percepção de que a maioria desses entrevistados não contava com o auxílio de outras pessoas em seus negócios, por isso, afastar-se por menor tempo possível, significaria para eles diminuição drástica dos seus lucros, já que estes não eram altos. Logo, fica evidente mais uma vez, que a lógica empresarial não cabe neste estudo.

Mesmo diante de todos os problemas apresentados, de toda precariedade, falta de higiene e insegurança em vários sentidos, os entrevistados elencaram aspectos positivos no cotidiano da Feira das Trocas. Houve certa regularidade no depoimento de muitos feirantes que revelavam o alto grau de sociabilidade que eles adquiriram entre si e entre a clientela que comparecia de forma frequente a feira.

Com efeito, também fica nítido que para eles, a Feira das Trocas era a única expressão da fuga do desemprego, e da garantia de condições mínimas de sobrevivência. Por isso a revolta de todos eles quando se reportavam a tentativa do Estado em acabar com a Feira das Trocas, pois certamente essa atitude tinha um significado mais profundo para eles: o mesmo poder público que lhes nega oportunidades de emprego é aquele que quer acabar com a única alternativa de sobrevivência que lhes restou, qual seja, o Trabalho informal na Feira das Trocas.

### **III- CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

Com efeito, embora as mulheres tenham assumido empregos de relevado prestígio social na atualidade, ratificamos a ideia de que o modelo flexível de produção preconiza a participação feminina nos trabalhos precarizados. Todavia, cabe salientarmos que muitas das condições desfavoráveis para o trabalho feminino já existiam, persistiram ou ganharam uma nova versão, bem como outras tantas surgiram e agravaram a situação desta no mercado de trabalho. Sempre ressaltando, que existiam e foram construídas enquanto processo social e não enquanto algo dado, natural.



Além disso, as transformações que influenciaram o mundo do trabalho e que permitiu uma maior inserção da mulher na esfera produtiva, não foram suficientes para a organização de uma nova divisão de tarefas, principalmente dentro do lar, mas também fora dele. Como resultado, as mulheres assumem as atribuições mais precárias, pois são estas que lhes fornecem possibilidades de conciliar o trabalho produtivo e o reprodutivo.

De outro modo, conclui-se que o modelo tradicional de Divisão Sexual do Trabalho, que destina as mulheres aquelas funções ligadas à esfera doméstica, irá se recriar na Informalidade. Porquanto elas estão suscetíveis a condições ainda mais aviltantes de trabalho, seja porque seus rendimentos são inferiores, seja porque sua jornada de trabalho diária revele-se superior à masculina, haja vista a junção do trabalho dentro e fora de casa, dentre outros fatores.

Ademais, já vimos que as metamorfoses do Trabalho vivenciadas nas últimas décadas contribuíram para “reforçar as formas mais estereotipadas das relações sociais de sexo” (HIRATA; KERGOAT, 2007) e a divisão sexual do trabalho é o princípio que organiza essa desigualdade (LOBO, 1991). Igualmente, faz-se necessário a articulação das esferas produtiva e reprodutiva para apreendemos esse processo de forma mais ampla e sinalizarmos para o redimensionamento das atribuições feitas conforme o gênero e constituídas historicamente, sem, contudo, deixar de reconhecer as limitações dessa questão na sociedade do capital.

#### IV- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANTUNES, Ricardo. **A classe-que-vive-do-trabalho: a forma de ser da classe trabalhadora hoje.** In: Os Sentidos do Trabalho. Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 5ª ed. São Paulo: Boitempo, 2001.

CAPPELLIN, Paola. **Promover a integração das mulheres no século XXI.** IN: TORNQUIST, C. S. et.al (orgs.). Leituras de resistência: corpo violência e poder. Florianópolis. Ed. Mulheres, 2009.

HIRATA, Helena. **Reestruturação produtiva, trabalho e relações de gênero.** IN: Revista Latino Americana de Estudios do Trabajo. Gênero, Tecnologia e Trabalho. Buenos Aires, ano 4, nº 7, 1998, p. 5-28.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Daniele. **Novas configurações da divisão sexual do trabalho.** In: Cadernos de Pesquisa, v. 37, n. 132, set./dez. 2007.

LOBO, E. S.- **A Classe Operária tem dois sexos,** São Paulo. Edit. Brasiliense, São Paulo, 1991.

NOGUEIRA, Claudia Mazzei. **O Trabalho Duplicado – a divisão sexual no trabalho e na reprodução: um estudo das trabalhadoras do telemarketing.** São Paulo: Expressão Popular, 2006.

PACÍFICO, Mariella. **Operárias numa região do sul da Itália.** In: O Sexo do Trabalho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.